

Sobre a justificativa em separar a crueldade da dimensão epistemofílica da pulsão de apoderamento

On the justification for separating cruelty from the epistemophilic dimension of the drive for empowerment

Antonio Trevisan¹

Jean-Michel Vivès²

Marcia Cristina Maesso³

Resumo: O artigo apresenta a dimensão epistemofílica da pulsão de apoderamento e os aspectos da crueldade, examinando sua relação e diferenciações. Para sustentar a posição, apoiamos-nos na obra de Sigmund Freud sob o ponto conectivo entre a crueldade e o trabalho pulsional, ilustrando-os ambos no jogo *Fort-da*. Partimos do termo em alemão, *Bemächtigungstrieb*, traduzido como pulsão de apoderamento, acentuando sua ação nas origens da atividade psíquica. Retomamos a articulação de tal pulsão descrevendo seu aparelho, que é o muscular, apresentado em dois pontos: primeiro, o da ação da crueldade inerente à pulsão; segundo, o da ação do impulso para explorar o mundo, apresentada em sua dimensão epistemofílica. Eis aí o ponto elucidativo sobre tal pulsão, não é apenas impulso à crueldade, ou unicamente indicativo da pulsão de morte. Como resultado, expomos a amplitude da condição de trabalho de ambos os conceitos, entrevedo a ação de seu traço no psiquismo.

Palavras-Chave: Apoderamento; Crueldade; Epistemofilia; Metapsicologia.

Abstract: *The article presents the epistemophilic dimension of empowerment drive and aspects of cruelty, examining their relationship and differentiations. To support the position, we rely on the work of Sigmund Freud, under the connecting point between cruelty and drive work, illustrating both in the game Fort-da. We start from the German term, Bemächtigungstrieb, translated as empowerment drive, emphasizing its action at the origins of psychic activity. We resume the articulation of such drive describing its apparatus, which is the muscular one, presented in two points: first, the action of the cruelty inherent to the drive; second, that of the impulse to explore the world, presented*

¹Psicólogo, Mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e doutorando em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: netogarcia8@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-8251-0183>.

²Psicanalista e Professor Doutor de Psicopatologia Clínica na Universidade Côte d'Azur (França). É membro do movimento *Insistance* em Paris e do Corpo Freudiano no Rio de Janeiro (Brasil). Pesquisa sobre a dimensão pulsional da voz e a gestão social do gozo a ela associado. E-mail: jeanmichelvives@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-9493-9945>.

³Professora do Departamento de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. E-mail: maessomc@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-1413-2998>.

in its epistemophilic dimension. Here is the illuminating point about such a drive, it is not just an impulse to cruelty, or only indicative of the death drive. As result, we expose the breadth of the working condition of both concepts, glimpsing the action of their trait in the psyche.

Keywords: *Empowerment; Cruelty; Epistemophilia; Metapsychology;*

1. Introdução

A proposta consiste numa centralização da Metapsicologia, partindo da exposição de Sigmund Freud sobre as características da pulsão de apoderamento e da crueldade. Tal perspectiva expõe a distinção entre ambas, ampliando a relação entre elas, uma vez que existe na pulsão de apoderamento o traço da crueldade, mas ela não serve exclusivamente a este fim. O apoderamento se coloca como impulso à exploração da relação com o mundo, por isso, podemos dizer que nela se encontra a natureza epistemofílica. Como objetivo, retomamos a noção de pulsão de apoderamento, obscurecida na história de Freud e pouco explorada até então. Metodologicamente, recorreremos a Freud na observação do Jogo do *Fort-da*, demonstrando os elementos que fortalecem as hipóteses aqui expostas. Assim como o próprio Freud propôs, num de seus textos pré psicanalíticos, *Sobre la justificación de separar la neurastenia un determinada síndrome en calidad de neurosis de angustia* (1895/1976), esclarecer as direções clínicas, propomos examinar as diferenças na constituição psíquica entre a crueldade e a condição epistemofílica inerente à formação do circuito pulsional. Marcamos inicialmente as semelhanças para depois postular a diferença, permitindo algum avanço em seu estado atual.

2. As origens da semelhança: da pulsão à crueldade

A intersecção entre as manifestações da crueldade e da pulsão aparecem para Freud no mesmo bloco conceitual cujo terreno é a teoria da sexualidade. O autor deteve-se nos escritos de Krafft-ebing sobre as patologias sexuais, tomando o par sadismo e masoquismo como ilustrações sobre a dinâmica das pulsões e incluindo a crueldade como ação do trabalho exigido na obtenção de satisfação. Deste princípio, Freud tomou a noção da crueldade, numa construção do psiquismo em seu funcionamento do princípio de prazer. O autor fez uma conexão direta entre a sexualidade infantil e a crueldade, introduzindo a primordialidade da pulsão de apoderamento e nos ensinando:

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da

libido. Segundo alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma co-participação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga (Freud, 1905/1996, p. 136).

Freud empregou, inicialmente, à crueldade, o caráter agressivo da libido operacionalizado pela participação do aparelho biológico da pulsão de apoderamento, o muscular. Em seguida, atribuiu à natureza da crueldade o traço pulsional – estilo freudiano de categorizar os comportamentos, por isso, tantas tipologias pulsionais. Observemos:

A pulsão do prazer de ver e do exibicionismo, e a pulsão de crueldade em suas formas ativa e passiva. A contribuição desta última é indispensável à compreensão da natureza sofrida dos sintomas e domina quase invariavelmente uma parte da conduta social do doente. É também por intermédio dessa ligação da libido com a crueldade que se dá a transformação do amor em ódio (Freud, 1905/1996, p. 139).

A intuição de Freud (1905/1996) aproxima a crueldade da pulsão. Por fim, admite alguns princípios quanto a dinâmica de seu impulso, alegando que: “bem como, a (pulsão) de crueldade, que aparece com certa independência das zonas erógenas, e só mais tarde entra em relações estreitas com a vida genital” (Freud, 1905/1996, p. 156). A independência mencionada por Freud é um ponto de base para dar à articulação teórica maior consistência, pois ela comunga tanto a ação psíquica da crueldade quanto a do apoderamento. Uma vez que, de um lado, temos a crueldade como independente da zona erógena que visa alcançar sua satisfação, ao passo que, do outro, temos que a pulsão de apoderamento, também indicada por Freud, é independente da lembrança do prazer, portanto, ambas independem das zonas erógenas, permitindo localizá-las numa ação sobre as origens da atividade psíquica. De antemão, indicamos ao leitor que a crueldade é uma manifestação originária da ação pulsional, uma atividade na vida do bebê que visa estabelecer a continuidade de sua estabilidade psíquica. Assim, *a posteriori*, suas manifestações darão contornos mais evidentes na vida das crianças, principalmente nas brincadeiras infantis, que é de onde partem as observações freudianas, constituindo a ilustração proposta neste artigo. Freud destacou a aparição da relação entre os dois aspectos. Vejamos:

Com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual. A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro – a capacidade de compadecer-se – tem um desenvolvimento relativamente tardio. É sabido que ainda não se teve êxito na análise psicológica exaustiva dessa pulsão; podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida

sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior. Assim, ela domina uma fase da vida sexual que mais adiante descreveremos como organização prégenital (Freud, 1905/1996, p. 146).

Tal indicação exige a explanação dos pontos. Primeiro, Freud sublinhou a crueldade na dimensão da pulsão sexual, que mais tarde será composta na atividade chamada de Eros. Ainda nesse eixo, a crueldade é a desconsideração do outro, do mundo e da diferença, o que pode implicar na agressão como meio de chegar a seu fim; enfatizamos essa prerrogativa da agressão ou destruição como meio e não como fim em si, haja vista seu alvo primordial, que é manter seu circuito funcionando homeostaticamente. No segundo desdobramento, temos o impulso cruel advindo da pulsão, nomeada por Freud de apoderamento, o qual empenha-se em fazer possível o apoderamento no aparelho psíquico visando satisfazer-se. Assim, temos a introdução da pulsão de apoderamento anterior a crueldade. Nas palavras de Freud, ela seria sua raiz. A posição freudiana torna, então, a crueldade vinculada à pulsão de apoderamento.

Existe uma tradição da indiferença em sua base epistemológica, em detrimento da própria indistinção da pulsão de morte da pulsão de apoderamento, a qual exige complexas explicações e não fará parte deste trabalho. A proposta é essencialmente um recorte sobre a crueldade e sua relação com a pulsão, situada como originária em sua força de trabalho.

2.1. A pulsão como originária: O apoderamento e seu fazer

A palavra, originalmente escrita no alemão por Freud, em 1905, como substantivo composto, *Bemächtigungstrieb*, significa apoderamento. Carrega a partícula *macht*, sinalizando a ideia de poder, o verbo *sich Bemächtigen*, descrevendo a ação de se apoderar – tal expressão pode ser inserida num contexto que tem o sentido de dizer que algo toma para si o poder – e, por fim, o conhecido *Trieb*, designado nas traduções por instinto ou pulsão, sendo esta última a que utilizaremos (Hanns, 1996).

Na história das traduções e interpretações, a questão é mais popularizada com a expressão pulsão de dominação, modo encontrado nos dicionários, como os de Roudinesco & Plon (1998), Kaufmann (1996), Zimmermam (2008), Laplanche & Pontalis (1967/1989). Mijolla (2005), mencionou no dicionário que organizou a forma em italiano, *pulsione de empossamento*, mas sem grandes anotações conceituais sobre a questão. As obras de origem francesa utilizam a expressão *pulsion d'emprise*, herança dos estudos de Grunberger, um dos primeiros a levantar a problemática freudiana. Destacamos também que, no mundo psicanalítico de ordem francófona, é nas

modalidades da *pulsion d'emprise* que a discussão continua a perambular entre instituições e universidades. Já na versão inglesa, operada por James Strachey, a perspectiva ficou ainda mais reduzida, por razão de sua escolha que propõe a versão de *Instinct for Mastery* designando o sentido de instinto de Mestria, noção com a qual rompemos e nos afastamos, pelos motivos que se seguem.

Mediante revisão de literatura, tanto na obra de Freud quanto na de teóricos como Dorey (1981), Denis (1997) e Ferrant (1991), encontramos fortes elementos para sustentar críticas à posição da tradução de dominação. Primeiro, porque ela se afasta da tradução original da palavra escolhida por Freud; segundo, porque reduz a atividade psíquica que incide no controle do objeto; por fim, porque induz a conexão como a destruição, empobrecendo sua função no início da atividade psíquica. Desta forma, é uma obrigação rever tal grafia para nos aproximarmos do esclarecimento de seu real sentido. Trevisan (2022) também defende uma posição sobre a pulsão de apoderamento, retirando-a do espectro da dominação e propondo sua inserção no campo da ação criacionista. Em concordância, sustentamos sua tradução na versão de pulsão de apoderamento, fundamentada na edição de Amorrortu, que escreve *pulsion de apoderamiento*, e no trabalho realizado por Maria Rita Salzano Moraes na obra organizada por Pedro Heliodoro e Gilson Ianini, traduzida direto do alemão para o português, *Além do princípio de prazer*, entrevedo nela uma função ampliada de sua atividade.

Para inserir a articulação de modo gradativo e consistente, é imprescindível fazer uma dissecação da estruturação da Metapsicologia. Nesta direção, ressaltamos a condição etiológica do apoderamento no texto de 1915, *As Pulsões e Seus Destinos*, como momento que Freud retoma seu *status quo*, marcando sua anterioridade aos processos de aparecimento do Eu. Tal apontamento situa a pulsão de apoderamento como força atuante na transformação dos afetos, ódio-amor, incluindo o par sadismo-masiquismo, destacando as posições ativo-passivo. O autor descreve assim.

No mais elevado estágio da organização sádico-anal pré-genital surge a procura pelo objeto, sob a forma de impulso de apoderamento, ao qual não importa se o objeto é danificado ou aniquilado. Essa forma e fase preliminar do amor mal se distingue do ódio, em seu comportamento para com o objeto. Apenas com o estabelecimento da organização genital o amor se torna o contrário do ódio. Enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor, surge da primordial rejeição do mundo externo dispensador de estímulos, por parte do Eu narcísico. Como expressão da reação de desprazer provocada por objetos, sempre permanece em íntima relação com os instintos de conservação do Eu, de modo que instintos do Eu e instintos sexuais podem facilmente constituir uma oposição que repete a de ódio e amor. Quando os instintos do Eu dominam a função sexual, como sucede no estágio da organização sádico-anal, eles conferem também à meta sexual as características do ódio (Freud, 1915/2010, p. 57).

Observamos a particularidade destacada por Freud quanto à busca pelo objeto. Essa ênfase constitui o núcleo de sua dimensão epistemofílica, de modo que a crueldade implica, diretamente, em seu percurso, uma busca pelo objeto, revelando a exploração da realidade. Ainda sobre o ponto de 1915, ressaltamos uma colocação de Freud um tanto quanto rara: sua posição referindo-se ao papel do sujeito. Diante da exposição da estrutura das pulsões e sua meta de ativo e passivo, Freud acrescentou o reflexivo, mas até aí nada de muito diferente, ele as separa “como destinos dos instintos, a reversão ao contrário, o voltar-se contra a própria pessoa, a repressão, a sublimação” (Freud, 1915/2010, p. 64). A exceção se mostra por articular diretamente uma posição para o sujeito, campo conceitual que não é desenvolvido por ele. O uso de Freud, ao aludir sobre o campo do sujeito com as pulsões, é salutar e pontual, isso não ocorrerá do mesmo modo ao longo da construção de seu pensamento.

Tal colocação nos serve de argumento para afirmar o aparecimento da ordem pulsional em seu caráter epistemofílico, em que a volta a si é um exemplo de exploração do mundo o qual o próprio eu participa, tendo como efeito transformações de Si. Ela produz uma modificação, é assim que Freud descreveu seu processo, com o fundamento seguinte: “a própria pessoa também se realiza a transformação de meta instintual ativa em passiva, novamente se busca uma outra pessoa como objeto, a qual, em virtude da transformação de meta ocorrida, tem de assumir o papel de sujeito”. (Freud, 1915/2010, p 65). A atividade de se fazer é sumariamente uma ação inerente a toda pulsão, é fazer seu percurso sustentável enquanto movimento.

Centralizamos a questão da crueldade e da pulsão no originário como ações para o advir do Sujeito tendo como base sua dimensão econômica, exigência de trabalho para estabelecer princípios, incluindo o de prazer. A crueldade e a pulsão também aparecem no eixo topográfico, descritas por Freud na relação do Supereu para com o Eu.

Será com uma lupa cuidadosa que faremos entre essas duas noções a distinção, não apenas no registro semântico e conceitual, mas na demonstração de suas forças, que se estabelecem de modo divergente, tanto em posição como em alvo. Nesta direção, temos a introdução da pulsão por meio da função desempenhada na organização da sexualidade, revelando sua dinâmica numa atividade que alterna entre ativo e passivo. Seguiremos rigorosamente a demonstração do jogo *Fort-Da* articulando-o ao nível de uma atividade criacionista.

De entrada, anunciamos que a crueldade, que abarca o desenrolar do sadismo-masiquismo, é a dimensão sexualizada da pulsão. Da qual o homem negocia em suas relações, seja com o semelhante, seja com o objeto, a crueldade é a face sexual, à medida

que sua ação aproxima as satisfações. Alertamos também que não adentraremos ao estudo da pulsão de morte, haja vista sua complexidade, que exigiria outro trabalho de pesquisa. Mas, a exposição contém o corolário do pensamento de Freud (1905/1996) sobre a crueldade, conceituando-a como alvo de prazer que impera por desconsiderar o outro, prolongando um exame sobre sua função. Com tal percurso, de um conceito ao outro, tratamos de ressaltar suas divergências e esquivarmo-nos dos graves equívocos de tomá-los como sinônimos.

3. As distinções na exigência de trabalho. A leitura sobre a brincadeira

A pulsão de apoderamento tem sua especificidade não por se sobrepor a outras categorias pulsionais, mas por indicar uma particularidade na própria natureza da pulsão, a qual recai sobre aquilo que parafrasearemos da ideia freudiana de terceiro tempo da pulsão, chamado de apassivado. Tratamos de expor um modo pelo qual a atividade psíquica encontra caminhos para constituir, na fisiologia, a inscrição de suporte para o advento do sujeito psíquico, incidindo numa espécie de ação ordinária na qual há um trabalho do alvo ativo em tornar o campo passivo erógeno. Abordamos, assim, originalmente, o traço ativo da pulsão. Seu polo passivo se constitui com uma singularidade, passando a ser fonte e alvo de satisfação no qual Freud instrumentalizou-se com clareza a partir do sadismo e masoquismo, respectivamente, incluindo o exibicionismo e voyeurismo.

Isto reafirma a crueldade em sua forma ativa, uma expressão direta da natureza ativista da pulsão, ao passo que a pulsão de apoderamento faz o trabalho de envergadura ao propor uma volta a si; é nisso que está a primícia do apoderar-se, um movimento para fazer retornar a si o investimento; ela torna erógeno o lugar passivo para retirar dali sua parcela de satisfação, é o que chamamos de experiência de apassivação, da qual o próprio corpo do sujeito pode ser colocado como objeto. Reencontramos essa equação quando Freud refere-se a pulsão sádica entrelaçada à pulsão de apoderamento, pois o sadismo evidencia o lugar do sujeito visado como objeto. Notamos o testemunho na expressão de Freud:

Uma segunda fase prégenital é a da organização sádico-anal. Nela, a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se constituiu, mas eles ainda não podem ser chamados de masculino e feminino, e sim ativo e passivo. A atividade é produzida pela pulsão de dominação através da musculatura do corpo, e como órgão do alvo sexual passivo o que se faz valer é, antes de mais nada, a mucosa erógena do intestino; mas há para essas duas aspirações opostas objetos que não coincidem. Além disso, outras pulsões parciais atuam de maneira autoerótica. Nessa fase,

portanto, já é possível demonstrar a polaridade sexual e o objeto alheio, faltando ainda a organização e a subordinação à função reprodutora (Freud, 1905/1996, p. 160).

Compreendemos a posição de Freud numa tentativa de explicar atividade originária da psique não onde a ação da crueldade se liga às expressões da pulsão de apoderar, mas no segundo tempo, quando ela se empresta ao sexual. Assim, o sadismo é a crueldade na expressão mais transparente do apoderar-se, enquanto seu traço original não coincide com esta lógica. Outro argumento que fortalece nossa posição é que Freud situou o masoquismo numa categoria originária, não o sadismo. No primeiro tempo psíquico, a pulsão de apoderamento tem força e ímpeto organizativo ao endereçar as descargas, controlar a excitação, criar os objetos substitutos, explorando o mundo para procurar os objetos. No entanto, no mesmo âmbito psíquico, ressaltamos a distinção de pulsão de apoderamento daquele objetivo tanto do alvo crueldade quanto de seu tempo pulsional. A atividade de apoderar produz uma torção na sua posição puramente ativa, que visa o estatuto linear da experiência.

A pulsão de apoderamento como fundamental emprega sua força num trabalho possibilitador em duas faces: a) primeiro, na criação de resposta a diferentes contingências, da qual o *infans* está refém, por sua inserção no mundo; b) depois, seu trabalho é tornar em si forças suficientes para resistir aos estímulos e contingências e, conseqüentemente, se fazer suporte para fundar o lugar que o sujeito psíquico virá a habitar. Aqui consiste a sua especialidade, a de apassivar; produzindo a erogeneização da esfera biológica, instaurando o prazer do órgão do corpo ou seus objetos equivalentes, apassivados, a fim de conter em si, isto é, apoderá-lo de algum caminho para a própria descarga. Freud destacou um órgão por excelência, indissociável do aparelho de apoderamento. Observemos:

Nas neuroses obsessivas, impressiona-nos sobretudo a importância dos movimentos que levam à criação de novos fins sexuais e que parecem independentes das zonas erógenas. No entanto, no voyeurismo, é o órgão visual que desempenha o papel de zona erógena, ao passo que, quando a dor e a crueldade entram em jogo, é a epiderme que faz esse papel, isto é, a epiderme, que, em certas partes do corpo, se diferencia em órgãos sensoriais e se transforma em mucosa; ela é, portanto, zona erógena por excelência (Freud, 1905/1996, p. 110).

Eis sua montagem de circuito pulsional, na qual a crueldade como elemento decorrente da pulsão irá encontrar caminhos de sua direção sempre ativa e contornar a realidade material, visando alcançar seu fim. Freud até o fim de seus escritos evidenciará

no homem o traço de sua natureza pulsional que exige seu alvo e as negociações com a cultura, deixando um saldo complicado à humanidade. Descrevendo em suas palavras:

O selvagem, como animal, é cruel, mas não tem a maldade do homem civilizado. A maldade é a vingança do homem contra a sociedade pelas restrições que ela impõe. As mais desagradáveis características do homem são geradas por esse ajustamento precário a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura. Muito mais agradáveis são as emoções simples e diretas de um cão ao balançar a cauda ou ao latir expressando seu desprazer (Freud, 1930/1996, p.196).

Nos afinamos à posição de Freud sobre as complexas operações da psique que tornam o sujeito humano por meio da relação com outro, mas não sem exigir seu preço, malgrado o trabalho de renúncia, que é da ordem pulsão e de seus princípios e que reaparece na cultura para dar notícias de seu ressentimento. Como bem lembra o próprio Freud (1908/1996, p. 89), “para dizer a verdade, não sabemos renunciar a nada, só sabemos trocar uma coisa por outra”. Tal posição se conecta à necessidade de elucidar o que é do traço pulsional expresso na crueldade, em sua natureza ativa do princípio do prazer ao lado da natureza anterior a ela, visto que o princípio de prazer é fundado a partir de uma experiência. Isto é, estendemos o campo da criação, a qual a pulsão de apoderamento protagoniza. Tal explanação conduz, passo a passo, a natureza da pulsão de apoderamento, tendo como anseio manter em si uma parcela de força, o quanto de pressão empregada para resistir ao caos do mundo, e depois existir numa relação com ele.

3.1. As observações sobre o jogo *Fort-da*

Foi observando as crianças que Freud teceu seus fundamentos. E sobre a crueldade, o masoquismo-sadismo, não foi diferente, ele passa pelo sadismo encontrado no erotismo anal, onde desdobra a noção controle e os avatares da criação. Freud observou o comportamento de uma criança de dezoito meses sobre a invenção de um jogo, o que não só justifica suas separações, mas elucida sua natureza. O autor nos conta o seguinte:

Esse bom menino tinha o hábito, ocasionalmente importuno, de jogar todos os pequenos objetos que alcançava para longe de si, a um canto do aposento, debaixo da cama etc., de modo que reunir os seus brinquedos não era coisa fácil. Ao fazer isso ele proferia, com expressão de interesse e satisfação, um forte e prolongado o—o—o—o, que, no julgamento da mãe e no deste observador, não era uma interjeição e significava *fort* [foi embora]. Afinal percebi que era um jogo e que o menino apenas usava todos os seus brinquedos para jogar *ir embora*. Um dia pude fazer a observação que confirmou minha opinião. Ele tinha um carretel de madeira, em que estava enrolado um cordão. Nunca lhe ocorria, por exemplo, puxá-lo atrás de si pelo chão, brincar de carro com ele; em vez disso, com habilidade lançava o carretel, seguro pelo cordão, para dentro do berço, através

de seu cortinado, de modo que ele desaparecia, nisso falando o significativo o—o—o—o, e depois o puxava novamente para fora do berço, saudando o aparecimento dele com um alegre *da* [está aqui] (Freud, 1920/1996, p. 128).

O pesquisador apresentou duas formas de interpretar o jogo. Na primeira, enfatiza a pulsão de apoderamento, ao passo que, na segunda, interroga seus limites, esclarecendo seu exercício, da qual participa a crueldade. Sobre a primeira interpretação, notamos a maximização da ação epistemofílica, indicada por Freud sob o empenho da pulsão de apoderamento para iniciativa do jogo, apresentando-a sob a exploração do mundo ilustrado no ato de jogar, uma vez que tal ação não havia sido ensinada à criança. A ação do brincar, de procurar objetos e criar jogos, seria a atividade exploratória da pulsão servindo-se para preservar seu funcionamento, o que é comum nas crianças em seu cotidiano, o que, como consequência, incorre nas múltiplas faces de transformação. Tal ação transforma as posições, de ativo em passivo. Esta virada caracteriza a exploração das experiências. Assim, manifesta-se a pluralidade da criação, da qual toda brincadeira em alguma medida é tributária. Ainda nesta primeira interpretação, Freud (1920/1996) menciona o caráter do prazer e desprazer, via instituinte da crueldade, onde desprazer vivido de modo passivo, originado da diferença introduzida pela ausência materna, poderia se tornar prazeroso. Eis aqui o indício da atividade na passividade, ou seja, apresenta-se o trabalho de erogeneização do lugar passivo, na lógica freudiana está descrita da seguinte maneira:

Tem-se a impressão que o menino transformou a vivência em jogo. Por outro motivo, ele se achava numa posição passiva, foi atingido pela vivência, e ao repeti-la como jogo, embora fosse desprazerosa, assumiu um papel ativo. Tal empenho podemos atribuir ao impulso de apoderamento, que passou a não depender de que a recordação fosse em si desprazerosa em si ou não (Freud, 1920/2020, p. 129).

O apoderamento da pulsão em sua força é evidenciado na transformação de terceiro modo, independente da recordação, e para tal desconsidera-se se o objeto irá se quebrar ou se ele será danificado; por isso a crueldade é sua dimensão sexualizada. A exigência da transformação revela a fundação evolutiva de um dado já destacado por Freud em 1905, observemos: “A atividade é produzida pela pulsão de dominação⁴ através da musculatura do corpo, e como órgão do alvo sexual passivo o que se faz valer é, antes de mais nada, a mucosa erógena do intestino” (Freud, 1905/1996, p. 69).

⁴Na versão da editora Imago da obra de Sigmund Freud, com tradução realizada por James Strachey, a conversão do termo *Bemächtigungstrieb* foi colocada para o português como pulsão de dominação, modo como foi mais popularizada na produção da teoria psicanalítica a respeito do assunto.

Uma vez tornado nítido o caráter epistemofílico da pulsão de apoderamento, na interpretação de Freud, podemos avançar. Designamos o impulso cruel como aquilo que pode criar um alvo fixo e, por consequência, funda o sacrificar e a repetição, implicando algum tipo de força para manter seu alvo. Nas palavras de Freud, “a brincadeira completa de desaparecimento e aparição, de que se via primeiramente apenas o primeiro ato, que era repetido incansavelmente como um jogo em si, embora sem dúvida, o prazer maior estivesse no segundo ato” (Freud 1920/1996. p. 128). Para esta posição interpretativa, isolamos dois elementos: o primeiro, consiste na referência direta e explícita da pulsão de apoderamento; o segundo, insere a compulsão à repetição, cuja expressão compõe um dos nomes da crueldade, já que o sujeito não pode evitar seu ato. Numa progressão demonstrativa da articulação, atentemo-nos na íntegra para a interpretação de Freud:

A interpretação do jogo foi simples, então. Ele estava relacionado à grande conquista cultural do menino, à renúncia instintual (renúncia à satisfação instintual) por ele realizada, ao permitir a ausência da mãe sem protestar. Como pensava a si mesmo, digamos, ao encenar o desaparecimento e a reaparição com os objetos que estavam ao seu alcance. Claro que não faz diferença, para a avaliação afetiva desse jogo, se o menino inventou-o ele mesmo ou apropriou-se dele, em consequência de um estímulo. Voltaremos nosso interesse para um outro ponto. É impossível que a ausência da mãe fosse agradável ou mesmo indiferente para essa criança. Como pode então harmonizar-se com o princípio do prazer o fato de ela repetir tal vivência dolorosa como brincadeira? Talvez se responda que a ausência tinha de ser encenada, como condição para o agradável reaparecimento, que seria o verdadeiro propósito do jogo. Isso seria contrariado pela observação de que o primeiro ato, a ausência, era encenado como brincadeira em si mesmo, e muito mais frequentemente que a apresentação completa, com seu final prazeroso (Freud, 1920/1996. p. 128).

Desde o início da menção freudiana sobre a conquista da cultura, as negociações de renúncia pulsional e a posição quanto a presença e ausência do objeto indicam a força e o trabalho da pulsão de apoderamento na construção do aparelho psíquico, desvinculado da crueldade. Notamos também que Freud em nenhum momento do texto cita e descreve a ação da crueldade nessa ação. No entanto, ela se torna evidente na segunda posição de Freud sobre a brincadeira, entendendo-a como ponto essencial para a origem da crueldade.

Mas podemos tentar uma outra interpretação. O lançamento do objeto, de modo que desapareça, poderia constituir a satisfação de um impulso, suprimido na vida, de vingar-se da mãe por ter desaparecido para ele, tendo então o sentido desafiador: “Sim, vá embora, não preciso de você, eu mesmo a mando embora”. Essa mesma criança que observei com um ano e meio de idade, em sua primeira brincadeira, um ano depois costumava lançar ao chão um brinquedo que o aborrecia, com as palavras: “Vá para a gue(rr)a!”. Haviam-lhe dito que seu pai estava na guerra e ele não sentia falta do pai, dando claros indícios de que não queria ser perturbado na posse exclusiva da mãe. Sabemos de outras crianças que

exprimem semelhantes impulsos hostis arremessando objetos em lugar das pessoas (Freud, 1920/1996, p. 129).

Na releitura freudiana, encontramos o *lançar o objeto* como modo de descarga, ou seja, a satisfação propriamente. O poder dado sobre ele é uma forma ativa de lançar, ilustrando o princípio da crueldade. À medida que faz lançar o objeto, marca sua posse ou poder sobre ele. Freud exemplificou clinicamente esta hipótese sugerindo que o próprio corpo pode ser o objeto alvo da crueldade, onde o Eu se faz objeto do Supereu. Exaurindo as lições da segunda interpretação de Freud, sintetizamos as duas ações, primeiro a de crueldade, depois a da face epistemofílica da natureza da pulsão de apoderamento, fazendo tornar a existência do objeto para si, criando a libidinização para operar suas descargas. Nesta segunda fase revela-se a crueldade em ato, seu vetor sexual, operacionalizado pelo contorno do objeto que mais tarde será firmado por Freud nas valências de sadismo-masiquismo; portanto, a dimensão instituinte do princípio do prazer. Numa reafirmação de tal postulado, expomos a tese que Freud já teria incitado em seus escritos:

Vem-nos então a dúvida de saber se a tendência a elaborar psiquicamente algo impressionante e dele apropriar-se inteiramente pode se manifestar de modo primário e independente do princípio do prazer. No caso discutido, o garoto só podia repetir brincando uma impressão desagradável porque a essa repetição está ligada uma obtenção de prazer de outro tipo, porém direta (Freud, 1920/1996, p. 129).

A dúvida de Freud que funda o contínuo campo de pesquisa é uma exigência de retorno a sua análise sobre as brincadeiras infantis, um tipo de testemunho da construção conceitual, nos levando até a compulsão à repetição. De tal campo, poderíamos dizer que a compulsão é, em suma, uma representante da crueldade. A clínica psicanalítica materializa esta condição, onde o adoecimento neurótico coloca em jogo a ação da crueldade, e o quanto ela pode ser letal ao sujeito caso não haja variações e saídas para manter-se no circuito pulsional. A clínica ainda nos permite ver e escutar os retornos, assim como o carretel de Ernest (a raiz epistemofílica), criando uma relação para resistir à alteridade do mundo, sem pagar o preço de ficar preso a ela.

4. Conclusão

Mediante a demonstração contida no jogo da criança, sublinhamos a íntima relação do aparelho psíquico como a tendência para responder a ausência e a presença do mundo e suas peculiaridades. O jogo do *Fort-da* constitui, assim, uma vitrine do universo

pulsional, possibilitando não apenas reafirmar a leitura de Freud, mas usá-la para sobrepor à clínica atual. Esta contribuição concentra a pulsão de apoderamento naquilo que a psique coloca em jogo para sustentar a relação analítica, isto é, sua força motriz, cuja face cruel se mostrará na transferência. É com tal envergadura que poderá servir ao campo da prática analítica em alguma medida, por ser o princípio de novas posições na vida do sujeito, com suas presenças e ausências. Em outras palavras, este olhar torna possível o trabalho com o sujeito da compulsão em direção à criação particularizada; da invenção repetida do jogo, colocando em movimento a atividade da invenção, para pluralizar, seja os objetos, as relações ou a própria existência do sujeito, prolongando a brincadeira da vida, onde cada um leva seu *Fort-da*.

Submetido 16/03/2022

Aprovado em 21/06/2022

5. Referências

Denis, P. (1997) *Emprise et satisfaction: Les deux formants de la pulsion*. Paris: P.U.F.

Dorey, R. (1981). La relation d'emprise. *Nouvelle revue de psychanalyse*, 24.

Ferrant, A. (1991). *Les destins psychiques de l'emprise*. Tese de Doutorado. Université Lumière Lyon 2. França.

Freud, S. (1895). Sobre la justificación de separar la neurastenia um determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia. In S. Freud, *Obras completas* (vol. III). Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

Freud, S. (1905). Três ensayos da teoria sexual. In S Freud, *Obras Completas* (vol. VII). Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1908). Escritores criativos e devaneios. In S. Freud, *Obras completas* (vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1915). As pulsões e seus destinos. In S. Freud, *Obras incompletas*. São Paulo: Autêntica, 2010.

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1920). *Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]*. Trad.: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Freud, S. (1930). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud, *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Grunberger, B. (1959). Estudio sobre la relación anal-objetal. In *El narcisismo*, Buenos Aires: Editorial Trieb.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Hanns, A. L. (1996). *Dicionário comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- Mijolla, A. (Org.). (2005). *Dicionário internacional da psicanálise*. Trad.: Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Strachey, J. (1966). *General preface*. SE 1, Pre-psycho-analytic publications and unpublished drafts, xiii–xxvi.
- Trevisan, A. (2022). A retomada da pulsão d'emprise. *Psicanálise & Barroco Em Revista*, 19(2), 121-142.
- Zimmerman, E. D. (2008). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. São Paulo: Artmed.